



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA NO CAMPO: UMA REFLEXÃO SOBRE A ESCOLA MUNICIPAL JOSIEL ALVES DE LIMA EM LAGOA GRANDE DO MARANHÃO-MA.**

Adail Ribeiro Cardoso<sup>1</sup> [acs16adail@yahoo.com.br](mailto:acs16adail@yahoo.com.br)  
Alexandra Resende Campos<sup>2</sup>; [alexandrapatycampos@gmail.com](mailto:alexandrapatycampos@gmail.com)

1. Egresso do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Maranhão-UFMA
2. Docente do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Maranhão-UFMA (orientadora)

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é compreender como ocorre a relação família-escola na Escola Municipal Josiel Alves de Lima (EMJAL), localizada no Projeto de Assentamento Cigra, pertencente ao município de Lagoa Grande do Maranhão – MA. Para tanto foram aplicados questionários e realizadas entrevistas com 04 professoras, 04 alunos e 11 familiares que possuem filhos matriculados na referida escola, além de ter sido realizadas observações na escola e na comunidade. Os autores que nortearam a discussão teórica deste estudo pertencem ao campo da Sociologia da Educação. Os resultados deste trabalho apontaram dissonâncias entre os grupos entrevistados. As famílias que são percebidas pelos docentes como ausentes e distantes da vida escolar dos filhos, na verdade não existem. As famílias não são omissas do processo de escolarização dos filhos, o que ocorre é que a lógica que elas operam para acompanhar seus filhos é diferente da lógica escolar.

Palavras-chave: Processo de escolarização; relação família-escola; sociologia da educação.

### **INTRODUÇÃO**

O objetivo deste trabalho foi compreender como ocorre a relação família-escola na Escola Municipal Josiel Alves de Lima (EMJAL). Esta instituição de ensino localiza-se no Projeto de Assentamento Cigra na Comunidade Rural de Vila Joselândia, pertencente ao município de Lagoa Grande do Maranhão – MA<sup>1</sup>.

O interesse por esta temática se relaciona ao fato de vários estudos e pesquisas, desenvolvidas no campo da Sociologia da Educação (CAMPOS, 2011; LAHIRE, 2008; PORTES, 2012; THIN, 2006; SILVA, 2003; entre outros), demonstrarem que quanto maior o envolvimento das famílias no processo de escolarização dos filhos, maiores tendem a ser as chances de sucesso escolar. Além disso é recorrente nos discursos proferidos pelos educadores, pela mídia e, sobretudo, nos cursos de formação de professores a importância da

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto dos resultados de um trabalho de conclusão de curso intitulado “A participação da família no contexto escolar: uma reflexão sobre a Escola Municipal Josiel Alves de Lima, em Lagoa Grande do Maranhão”, defendido por Adail Ribeiro Cardoso no primeiro semestre deste ano, como um dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo (Universidade Federal do Maranhão – Campus de Bacabal).



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

instituição familiar e escolar estabelecerem uma relação harmoniosa, no sentido de refletir positivamente no processo de aprendizagem dos estudantes.

Outro fator importante que levou ao desenvolvimento deste trabalho foi a experiência profissional de um dos autores deste trabalho. Adail Ribeiro Cardoso atuou durante seis anos na instituição pesquisada (EMJAL) e se deparou com alguns estranhamentos no tocante a relação família-escola. A equipe pedagógica e os familiares reconheciam a importância de atuarem juntas no processo educativo, entretanto, essa relação não ocorria de forma harmônica e, em alguns momentos, era marcada por tensões.

De acordo com Paixão (2007) essas tensões estão relacionadas a delimitação de papéis entre aquilo que se espera da escola e aquilo que se espera da família. Esta autora aponta que todos são unânimes em afirmar que é tarefa da escola ensinar os saberes sistematizados às crianças, porém não chegam a mesma conclusão quando o assunto é a educação em seu sentido mais amplo.

É neste sentido que Thin (2006) afirma que nem todos os pais das classes populares intervêm e participam da vida escolar dos filhos da maneira como a escola espera, existe um desencontro entre a lógica da família e a lógica da escola. Algumas famílias só intervêm diretamente apenas quando os resultados escolares pioram substancialmente. Logo, a escola tende a responsabilizar as famílias pelo fracasso escolar dos filhos como se elas fossem omissas do processo de escolarização dos filhos.

Na verdade, esse discurso da omissão parental tem sido bastante utilizado entre professores e a equipe pedagógica das instituições de ensino. Entretanto, Lahire (2008, p.334) afirma que trata-se de um mito - “mito da omissão parental”.

[...] o tema da omissão parental é um mito. Esse mito é produzido pelos professores, que, ignorando as lógicas de configurações familiares, deduzem, a partir dos comportamentos e dos desempenhos escolares dos alunos, que os pais não se incomodam com os filhos, deixando-os fazer as coisas sem intervir [...]. (LAHIRE, 2008, p. 334).

Segundo a socióloga Annete Lareau (2007), os mecanismos pelos quais os pais se apropriam para transmitirem os comportamentos e atitudes que são valorizados pela escola ainda são na sua totalidade incompreendidos pelos professores. A autora afirma que as diferenças na lógica cultural de criação oferecem aos pais e aos filhos recursos distintos no momento de interação com profissionais da escola e com outras pessoas fora do ambiente familiar.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

É neste sentido que Thin (2006) ressalta que a escola é um lugar de comparação de modos de socialização divergentes. É justamente essa divergência, entre o modo de socialização escolar e familiar vivenciado pelas famílias de classes populares, que contribui para as dificuldades escolares dos filhos.

De acordo com Portes (2012, p.64-65) “as ações de determinadas famílias pertencentes às classes populares, com relação à escola, são diversas e se recobrem de significados próprios que podem ser ocultados, dependendo do olhar que se dirige a elas”. É justamente esse ocultamento que faz com que muitas vezes os pais sejam mal interpretados pela escola e são muitas vezes julgados como “omissos” ou “desinteressados” da vida escolar dos filhos.

Logo, é perceptível que a relação família-escola, embora bastante disseminada no campo educacional, não é simples de ser compreendida. Ela é complexa e multifacetada, como bem aponta o sociólogo Pedro Silva (2003).

(...) a relação escola-família é uma relação complexa, uma vez que ela pode ser vista sob duas vertentes, ou seja, aquela que trata somente das interações entre pais e filhos em relação ao envolvimento destes com a escola e aquela que trata do contato dos pais com a escola e professores. (CAMPOS, 2011, p.14)

Foram todos estes fatores que propulsionaram nosso interesse em lançar um olhar mais apurado para a relação família-escola na EMJAL. Procuramos compreender essa relação dentro do espaço de tensão que resulta na responsabilidade de educar e socializar os filhos e alunos. Alguns professores tachavam os educandos como mal comportados na escola e indisciplinados em casa. Por outro lado, existiam aqueles que viviam o oposto dessa situação, sendo pertencentes, em sua maioria, às famílias com nível de escolaridade maior e constituídas com um número menor de filhos.

Diante dessa problemática, alguns questionamentos nortearam a elaboração deste estudo: A escola tem disponibilizado condições para estimular os familiares a participarem efetivamente da vida escolar de seus filhos? A escola tem adotado algumas posturas no sentido de aproximar ou distanciar as famílias? Por que algumas famílias só participam das atividades escolares apenas em datas comemorativas? Será que a Escola realmente deseja que as famílias estabeleçam um vínculo efetivo com a instituição? As famílias que a instituição julga estar distante do processo de escolarização realmente não acompanham e não se importam com a vida escolar dos filhos?

Ainda que tenha utilizado outros referenciais teóricos, os principais autores que



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

nortearam este estudo dialogam no campo da Sociologia da Educação, sendo eles: Portes (2012); Campos (2011); Lahire (2008); Lareau (2007); Paixão (2007); Silva (2003); e Thin (2006).

## **METODOLOGIA**

Para a realização deste trabalho foram entrevistados 11 familiares (pais e mães), 04 professoras e 04 alunos da EMJAL. As entrevistas tinham por objetivo levantar questões que permitissem compreender aspectos ligados a participação família-escola através da perspectiva destes três grupos. Assim, foi possível perceber alguns conflitos, contradições e semelhanças em seus discursos.

Parte das famílias entrevistadas convive com o fato de terem filhos com baixo resultado escolar e outra parte não enfrentam este problema, ou seja, os filhos vão bem na escola. São famílias pertencentes a um Projeto de Assentamento em área de Reforma Agrária – (PA. CIGRA - consolidado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

Além das entrevistas realizadas, as famílias também responderam um questionário socioeconômico no sentido de compreender quem são os agentes pesquisados (idade, sexo, grau de escolaridade etc.). Foram feitas também observações na escola (reuniões de pais e sala de aula) e na comunidade. O objetivo dessas observações era compreender o que fazem e como se relacionam as famílias entre si e aspectos ligados a rotina da escola que interferem de forma negativa ou positiva na relação família-escola. O trabalho de campo teve início em outubro de 2013 e se estendeu até o mês de maio de 2015.

As entrevistas com os familiares foram realizadas em suas próprias residências. Já a entrevistas com as professoras e com os alunos ocorreram na EMJAL. As entrevistas não foram gravadas, pois os entrevistados não se sentiam confortáveis diante do gravador. Tive o cuidado de registrar por escrito as falas mais pertinentes dos familiares, professores e alunos. Vale lembrar também que para garantir o anonimato dos entrevistados foram utilizados nomes fictícios para se referir a cada um deles.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **- O que as professoras tem a dizer sobre a relação família-escola?**

O quadro abaixo demonstra um breve perfil das professoras que participaram dessa pesquisa:



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Quadro 01: Sobre as professoras entrevistadas

Professora	Idade	Escolaridade	Vínculo Empregatício	Ano Escolar que Atua	Anos de experiência docente
Ana	22	Magistério	Contrato	3ª ano	6 anos
Beatriz	34	Magistério e Pedagogia	Contrato	2º ano	7 anos
Carmem Lúcia	33	Magistério e História	Contrato	4º ano	6 anos
Gildenice	23	Magistério	Contrato	1º ano	6 anos

Fonte: Questionário socioeconômico obtido junto às professoras entrevistadas.

De acordo com o gráfico é possível perceber que a idade média das professoras é de 28 anos. Trata-se de um corpo docente jovem, mas que já possuem certa experiência atuando em sala de aula (06 a 07 anos). Todos os professores entrevistados lecionam nos anos iniciais do ensino fundamental, dois deles possuem formação superior e os outros dois possuem Magistério. O fato desses professores não terem um vínculo efetivo na escola, sendo todos contratados temporariamente, gera uma instabilidade muito grande para os mesmos, afetando diretamente o trabalho em sala de aula. Elas se sentem desanimadas, pois a incerteza de terem seus trabalhos interrompidos no próximo ano letivo é grande. “(...) trabalhar aqui nessa escola é estar na linha de tiro das questões políticas partidárias. E nós somos apenas contratadas e corremos os riscos, ao sermos avaliadas por cabos eleitorais, de perder nosso emprego”. (Profa. Gildenice).

Na perspectiva das professoras, as entrevistas revelaram que a participação família-escola ainda deixa muito a desejar. Os professores ressaltaram que existe uma participação maior no início do ano letivo, mas aos poucos os pais vão deixando de comparecer na instituição, principalmente nas reuniões de pais. “(...) As atividades que os pais mais participam, está voltado para as datas comemorativas da escola, se ausentando das reuniões.” (Professora Beatriz).

Foi recorrente na fala das docentes a participação dos pais nas festividades promovidas pela instituição (dia das mães, dia dos pais, dia das crianças, festa juninas etc). Tal fato nos permite compreender que estes eventos são vistos como prazerosos pelas famílias, pois existe um desconforto muito grande por



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

parte dos pais no que se refere a participação nas reuniões. Algumas professoras afirmaram que a pouca participação dos familiares está relacionada ao baixo capital escolar dos pais, pois muitos se sentem constrangidos. “(...) Teve uma mãe que disse que não gostava de comparecer sempre na escola porque se sentia constrangida por não saber ler e escrever (...)” (Profa. Ana).

A falta de tempo dos familiares também foi utilizada por uma docente para justificar o afastamento das famílias do processo de escolarização dos filhos. “Tem pai que diz que não vai perder o tempo dele olhando criança na escola, ou sempre tem uma tarefa extra para fazer, é uma viagem na cidade, ou até acham que a escola é que é responsável para socializar os alunos” (Profa. Carmem Lúcia).

Uma estratégia que tem sido utilizada pela escola para aumentar a participação dos pais é a ida do diretor até a casa dos alunos quando nenhum de seus familiares comparece às reuniões. O corpo docente da instituição também realiza algumas visitas dessa natureza e pede para os familiares pagarem a visita indo até à escola outro dia.

O desejo de realizar uma gincana, por uma das professoras, foi ressaltado como forma de amenizar o distanciamento existente entre a instituição escolar e familiar. “Por ser uma escola que é do município, mas que faz parte do assentamento, nós estamos pensando em fazer gincanas envolvendo a comunidade de modo geral, como forma de atrair as famílias, mas acho que ainda é pouco”. (Profa. Carmem Lúcia).

Na perspectiva dos docentes existe um reconhecimento de que a educação dos alunos é uma tarefa árdua e complexa que requer um esforço conjunto com as famílias. No entanto, foi possível perceber que existe uma transferência de responsabilidades ou atribuição de culpa quando estes alunos fracassam: a escola culpa as famílias e as famílias tendem a culpar a escola. Não é pretensão dos professores atarefar as famílias com os conteúdos a serem repassados para os alunos na escola, mas esperam que os pais se responsabilizem pelo processo de socialização e que estimulem os filhos em suas atividades escolares.

As professoras afirmaram que elas se importam com que os pais pensam a respeito do trabalho desenvolvido por elas, ressaltando inclusive que o julgamento dos pais influencia nas suas atividades enquanto docentes. No entanto, ficou claro que o fato dos familiares não reconhecerem os pontos positivos do trabalho desenvolvido por elas, mas apenas os negativos, gera bastante desconforto. “Se eu acerto ninguém me elogia, mas se algo dá errado, a cobrança é forte em cima dos professores” (Profa. Ana).



## - O que os familiares tem a dizer sobre a relação família-escola

O quadro abaixo demonstra um breve perfil das famílias entrevistadas.

Quadro 2: Sobre as famílias entrevistadas

Mãe \ Pai	Idade		Escolaridade		Profissão		Situação de moradia	Nº de filhos	Quem participa das reuniões
	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe			
01	36	37	Alfabetizado	4º ano	Trab. Rural	Func. pública	Própria	03	Mãe
02	33	38	Nenhuma	Nenhuma	Trab. Rural	Pescador	Própria	02	Mãe/pai
03	33	38	Alfabetizado	Nenhuma	Trab. Rural	Trab. Rural	Própria	02	Mãe/ Pai
04	38	35	4ª série	Ensino Médio	Trab. Rural	Trab. Rural	Própria	03	Pai/Mãe
05	44	42	Alfabetizado	8º ano	Trab. Rural	Trab. Rural	Própria	06	Mãe
06	50	56	Nenhuma	Nenhuma	Trab. Rural	Aposentada	Própria	02	Mãe
07	40	41	Alfabetizado	Nenhuma	Trab. Rural	Trab. Rural	Cedida	03	Pai/ Mãe
08	45	40	4º ano	Ensino Médio	Trab. Rural	Trab. Rural	Própria	03	Pai/Mãe
09	36	50	Nenhuma	Nenhuma	Trab. Rural	Trab. Rural	Própria	04	Mãe
10	47	45	7º ano	8º ano	Pescador	Trab. Rural	Própria	05	Mãe
11	44	44	Alfabetizado	Alfabetizado	Trab. Rural	Trab. Rural	Própria	05	Mãe

Fonte: Questionário socioeconômico obtido junto às famílias pesquisadas.

A idade média das mães é de 42,5 anos e dos pais de 40,5 anos. Interessante ressaltar que as atividades ligadas ao campo são predominantes entre as famílias entrevistadas. O quadro também deixa em evidência o baixo capital



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

escolar dos familiares, com ausência de pais e mães com níveis superiores e casos de analfabetismo. O número de filhos também é relativamente baixo, já que estamos tratando de famílias do campo, uma média de 3,4 filhos por família. Outro dado interessante é o fato de quase todas as famílias terem casa própria, apenas uma não possui.

No que se refere a relação família-escola e o acompanhamento da vida escolar dos filhos, as entrevistas revelaram que as mães aparecem como a principal responsável em lidar com essas questões. A participação do pai ainda é muito limitada nessa comunidade, sendo atribuída a figura materna toda responsabilidade de acompanhar os filhos na escola<sup>2</sup>.

Aqui em casa meu marido as vezes vai, mas a maioria das vezes ele diz que eu tenho de ir, isso é coisa de mulher. Acho que é porque ele vê que a maioria das pessoas que vai pra reunião são mulheres. Os homens são muito fechado ainda na questão de gênero. É porque aqui na vila nós já devíamos ter superado isso, tanto que se discute com os movimentos. (D. Elisa).

Os pais alegam quase nunca terem tempo para comparecerem às reuniões da escola. Às vezes fala que o menino não tem jeito, toda semana é uma queixa, o que nem sempre é verdade<sup>3</sup>.

Ao serem questionadas sobre a relação família-escola, alguns familiares expressaram que não possuem oportunidade e abertura para participarem das atividades desenvolvidas pela instituição. Criticaram a postura da escola ressaltando que as famílias são chamadas apenas para resolverem problemas.

Segundo os familiares entrevistados é papel da escola dizer o quanto é importante os pais participarem das atividades escolares dos filhos. No entanto, parece que a escola só se preocupa com este aspecto quando os filhos causam problemas para o diretor, professores e demais alunos.

Para as famílias a participação deve ir além do simples ato de comparecer às reuniões de pais e concordar com tudo o que está na pauta do diretor. “(...) As reuniões da escola quando a gente chega lá, já tá tudo escrito não cabe mais nada.” (D. Vania-mãe entrevistada).

Os familiares também se queixaram da relação estabelecida entre pais e professores, pois além dos professores não darem espaço para que os pais possam opinar, discordar ou

---

<sup>2</sup> Tal fato tem se revelado uma constante em alguns estudos no campo da Sociologia da Educação que se debruçam sobre a temática família-escola (CAMPOS, 2014; 2010; PORTES, 2012).

<sup>3</sup> Relato de mães nas reuniões realizadas na comunidade mostraram que seria melhor se a responsabilidade de acompanhar os filhos na escola fosse de ambos, assim ganhariam mais respaldo diante dos filhos.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

planejar em conjunto as atividades, os docentes muitas vezes apresentam um comportamento em que evidenciam seu lugar de poder e autoridade no interior da instituição.

(...) Olha nesse ponto aí a coisa está é brava, pois os professores tem a escola como se fosse deles, até convidam a gente para comparecer, mas cada qual no seu território, pai é pai e professor é professor! (D. Vilma).

Um dia eu estava pescando no lago e veio na tarrafa um puraquê (*peixe elétrico*). Aí meu marido tentou pegar pra tirar da rede e só pegava choque. No caminho nós vinha dizendo que o peixe estava que nem os professores, não deixava a gente chegar perto. (D. Valquiria).

O baixo capital escolar dos familiares pode ser compreendido como um dos fatores que contribui para que os pais não questionem e não apresentem propostas no sentido de fortalecer a real participação da família na instituição. Algumas mães alegam que se envolvem com as tarefas escolares que os filhos levam pra casa, mas em alguns momentos se veem impossibilitadas de ajudar por não dominarem os conteúdos.

Percebe-se, assim, que mesmo convivendo com o drama do baixo capital escolar, as mães se preocupam com o processo de escolarização dos filhos. Dona Albertiza afirma que sua obrigação como mãe é “Providenciar tudo para que não falte nada, material escolar, farda. Incentivar para que ela não deixe de ir à escola”. O que ocorre é que, muitas vezes, os familiares se sentem envergonhados por não saberem ler e escrever. Alguns temem em enfrentar a burocracia da escola, como passar uma lista de presença nas reuniões e os mesmos se encontram em uma situação constrangedora, visto que o sistema excludente negou-lhes o direito de serem sequer alfabetizados.

O fato dos professores, em alguns momentos, atribuírem o fracasso escolar e a indisciplina dos alunos ao pouco envolvimento das famílias gera bastante desconforto para alguns familiares e várias críticas ao corpo docente.

Eu só não entendo porque a escola fala que o fracasso dos meninos na escola é responsabilidade nossa, pela falta de que a gente não liga para o comportamento deles, e os filhos deles também é um desastre. (D. Valquiria).

Nós não somos ausentes assim como eles dizem, só pra ter uma ideia se isso acontecesse o conselho tutelar não saía da casa das famílias. Nós não somos negligente não, nós só não entende qual é a da escola! (Sr. Gustavo).

O que se percebe nestas falas é realmente a falta de diálogo entre a instituição escolar e familiar, gerando um jogo de “empura-empurra”. Fica evidente também o quanto a



instituição precisa entender a diversidade dos diferentes ambientes familiares e considerar este aspecto no seu currículo e na dinâmica da escola.

### **Relação família-escola na perspectiva dos alunos**

O quadro a seguir apresenta um breve perfil dos alunos que participaram do trabalho.

Quadro 3: Sobre os alunos entrevistados

Aluno (a)	Idade	Ano escolar	Quem participa da vida escolar
Aldo	07	1º ano	Mãe
Aline Carla	08	2º ano	Mãe
Hidelfonso	10	3º ano	Mãe
Elpídio	11	4º ano	Pai

Fonte: Questionário socioeconômico obtido junto aos alunos pesquisados

As crianças deixaram em evidência de que realmente é a mãe a principal responsável pelo acompanhamento escolar dos filhos. Relataram que o apoio de suas mães é imprescindível nessa fase de suas vidas, como relata o aluno Hildebrando: “A mãe me ajuda fazer as tarefas, ela gosta de me ajudar”. Essa ajuda também em alguns casos é marcada pela presença de tias, até mesmo por iniciativa dos alunos que, em alguns casos, tem certo receio de pedir auxílio aos pais: “A mãe gosta de me ajudar, mas ela briga se eu não consigo entender” (Aldo). Esse mesmo aluno ressaltou que prefere a presença de sua mãe na escola do que do pai: - “Eu só gosto quando a mãe vai, o pai briga comigo”.

Quanto a presença dos pais na escola, alguns alunos percebem de forma positiva. “Quando a mãe vai à escola eu acho bom. Eu sempre quero mostrar pra ela e para os outros pais o meu comportamento” (Hidelfonso). “Quando chega um pai ou uma mãe na escola parece que é pai de todo mundo, aí a professora elogia as mães (Elpídio). Já uma aluna tem receio de que seu comportamento na escola seja visto como uma indisciplina e assim não se sente à vontade. “Às vezes é ruim, pois quando ela está lá na escola nós ficamos com medo e nem brincamos no recreio” (Aline Carla).

Fez-se notório também, nos relatos desses alunos, que apesar dos problemas que surgem no processo da aprendizagem, suas famílias não se caracterizam como omissas da vida escolar.



Toda coisa que tem lá a professora avisa e a mãe vai (*Aldo*).

O pai se preocupa quando recebe um convite para participar e avisa logo a mãe, olha tu não esquece. A festa das mães ela não perde uma, dia das crianças, tudo. (*Elpidio*)

(...) ela [*a mãe*] manda fazer primeiro as tarefas da escola, depois é que eu vou brincar. (*Aline Carla*).

Os alunos também reconhecem a importância da relação família-escola para o processo de aprendizagem deles. Sobre essa parceria Elpidio afirma: - “Ajuda muito, dá mais confiança no aluno”.

## CONCLUSÃO

Os resultados deste trabalho revelam algumas problematizações, no sentido de criar mecanismos para o fortalecimento da relação família-escola no contexto pesquisado. Ficou visível que os familiares não se sentem parte integrante da comunidade escolar. Se os professores acusam as famílias de não se envolverem nas atividades da escola e de não participarem das reuniões, os familiares revelam o outro lado da moeda.

A família demonstra ter mais vontade de participar da vida escolar dos filhos, no entanto, não encontram abertura por parte da escola. A escola cobra mais envolvimento das famílias, mas por alguns momentos esquece que a dinâmica escolar não é a mesma dinâmica das famílias. Aliás, temos uma inquietude em relação a essa questão: será que os professores, realmente querem essa participação?

Percebemos que as famílias sabem quais são os seus deveres no que se refere a vida escolar dos seus filhos. As mães afirmam com simplicidade que participação é estar sempre presente em tudo (reuniões, atividades da escola, ou em qualquer tipo de atividades escolares que os filhos desenvolvem). É realmente acompanhar o desenvolvimento da criança não só na escola, mas em toda a sua vida. Já as professoras não comungam da mesma opinião dada pelas famílias. Elas percebem a participação como cumprimento às regras, às normas e como ajuda, não vêm a participação como um procedimento cotidiano e de forma livre.

Portanto, fico claro neste trabalho que as famílias não são omissas do processo de escolarização dos seus filhos. O que ocorre são dissonâncias entre a lógica de socialização familiar e escolar, fazendo que com que muitas vezes elas sejam vistas como “desinteressadas” pelas docentes.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Alexandra Resende. “Entre o rural e o urbano” política de nucleação, escolarização, relação família-escola e escola-família em comunidades rurais de São João del-Rei, MG. 2014. 171 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

\_\_\_\_\_. Família e Escola: um olhar histórico sobre as origens dessa relação no contexto educacional brasileiro. **Vertentes-UFSJ**, v. 19,n.02, p. 61-71, 2011.

\_\_\_\_\_. **As práticas de escolarização de famílias rurais:** um estudo comparativo entre famílias negras, mestiças e brancas do povoado de Goiabeiras, São João del-Rei, MG. 2010. 187 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos Meios Populares:** as razões do impossível. São Paulo: Ática, 2008.

LAREAU, Annette. A desigualdade invisível: o papel da classe social na criação dos filhos em famílias negras e brancas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte: n. 46. p. 13-82. dez. 2007.

PAIXÃO, Lea Pinheiro; NADIR, Zago. (orgs). **Sociologia da Educação:** Pesquisa e realidade brasileira. Petrópolis RJ: Vozes 2007.

PORTES, Écio Antônio et al. **NA COZINHA DE FAMÍLIAS RURAIS:** Práticas de escolarização de mães com filhos em idade escolar. VII Congresso Português de Sociologia. Junho 2012.

SILVA, P. **Escola-família, uma relação armadilhada:** interculturalidade e relações de poder. Porto: Afrontamento, 2003.

THIN, Daniel. Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11 n. 32 maio/ago. 2006.